

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. 5090 .

N.º 3 — VOL. III.

Sabbado 22 de Janeiro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Kufstein — Grutas e montanhas — A corveta Bartholomeu Dias — A antilope albigada — O axis ou veado do Ganges — A antilope africana, ou gnou — O jogo — A gruta de Fingal — A zebra — Memorias do coração, continuação — Viagem do serenissimo senhor infante D. Luiz á ilha da Madeira na corveta Bartholomeu Dias — A caça aos elefantes entre os negros. GAVANHAS — Vista de Kufstein, no Tyrol — O axis ou veado do Ganges — A antilope ou gnou — A zebra — A antilope albigada — A corveta Bartholomeu Dias — A gruta de Fingal.

Historia da actualidade.

Suas magestades el-rei o senhor D. Pedro v, D. Fernando, e os senhores infantes, caçaram na segunda feira 17 nas lezirias do Caldeira, e no campo do Quadro. A real familia regressou na mesma tarde ao paço das Necessidades.

No mesmo dia andou em exercicio no Campo de Ourique o batalhão de caçadores n.º 1. Estes ultimos dias os outros corpos da guarnição da capital tem tido eguaes exercicios.

Vae publicar-se no 1.º de Março um novo jornal, com o titulo de *Adamastor Commercial*. Promette ser do formato do *Times*, contendo uma parte redigida em inglez, e outra em brazileiro puro, com artigos de fundo em portuguez, e parte commercial em francez.

Chegou a Lisboa o senhor Ganganelli, fabricante de papel, que vem montar em grande escala uma fabrica. A materia prima de que se servirá será aparas de madeira.

Foi encarregado o senhor Marcus Dalhanty, professor de linguas em o nosso collegio militar, de refundir o dictionario inglez de Vieira. Esta edição é destinada para o Brazil, e foi a casa Lacmert, d'aquelle imperio, quem o encarregou d'este trabalho.

Os seguintes são os naufragios nas costas de Inglaterra durante o anno de

1858: — Em Janeiro cento cincoenta e quatro; em Fevereiro cento sessenta e dois; em Março cento setenta e nove; em Abril cento quarenta e dois; em Maio cento vinte e oito; em Junho cento e dois; em Julho cento e um; em Agosto cento e doze; em Setembro cento e cinco; em Outubro cento e noventa; em Novembro cento oitenta e dois; e em Dezembro duzentos e trinta. O total no anno de 1857, foi de mil oitocentos sessenta e sete.

O senhor conselheiro Ferrão offereceu á rainha de Hespanha o seu *Codigo regulamentar do credito immovel*.

O distincto bibliographo, o senhor Innocencio Francisco da Silva, vae publicar as *Memorias para a vida intima e litteraria do padre José Agostinho de Macedo*.

Domingo 16 houve corridas no Campo Grande, que foram muito concorridas. Assistiram el-rei o senhor D. Fernando, e suas altezas os senhores infantes o infantas.

Diz-se que o nosso excellente baritono, o senhor Celestino, está em ajuste para escriptura com a empresa do theatro lyrico do Rio de Janeiro.

Trata-se da construcção de uma doka junto ao caes da Ribeira Nova.

Domingo começou a romaria que n'este mez costuma ter logar á ermida de Santo Amaro, na Junqueira.

Falla-se no proximo casamento do príncipe Napoleão com a princeza Clotilde, filha do rei Victor Manuel da Sardenha.

Os preparativos em Italia ameaçam uma proxima guerra.

Em Milão e Pavia continuam as prisões por causa politica.

O governo piemontez está formando nas suas fronteiras um exercito de observação.

No dia 3 do proximo mez de Fevereiro abrir-se-ha o parlamento inglez.

Segundo escrevem de Vienna vae formar-se tambem um exercito de observação nas fronteiras da Polonia.

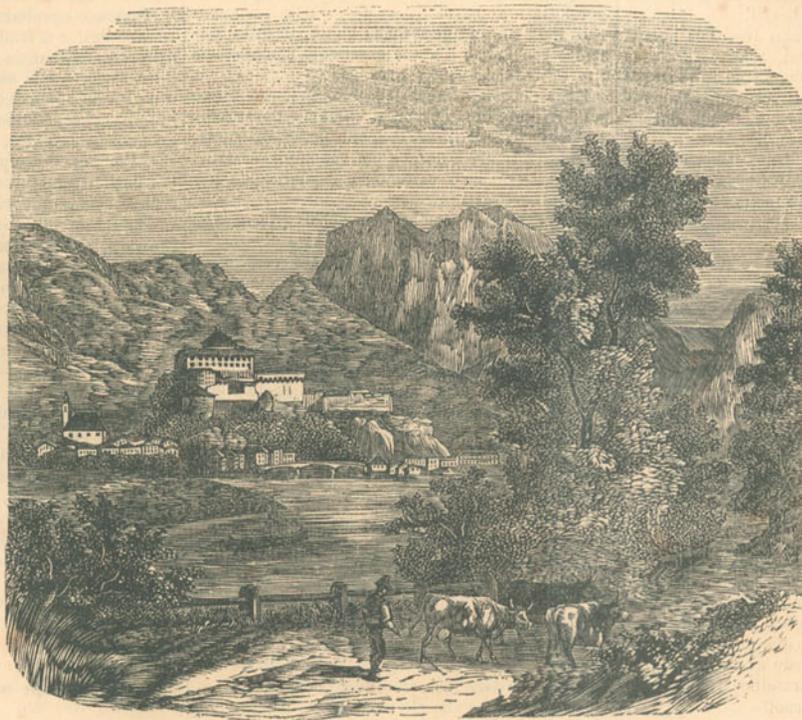
O exercito austriaco na Italia vae ser elevado á força de cento e quarenta mil homens.

O rei de Napoles indultou sessenta e um condemnados politicos.

A rainha mãe de Hespanha renunciou por ora á sua viagem a Italia.

Um alfayate do Alemtejo acaba de fazer um paletot com pelles de toupeira. No espaço de dois annos conseguiu apanhar quinhentas e tantas.

O homem de caracter é respeitado; até mesmo por aquelles, que seguem opiniões oppostas.



Vista de Kufstein, no Tyrol.

Kufstein.

O Tyrol divide-se em nove círculos. A sua capital, Innsbruck, está situada no que se designa pelo nome d'Unter-Junthal: é também n'esta divisão que se acha comprehendida a pequena cidade de Kufstein, edificada na margem direita do Inn, e dominada pela Josephsburg, fortaleza que coroa uma rocha escarpada. Kufstein pode considerar-se como uma das cidadellas d'Innsbruck. E' por isso que o seu nome se encontra muitas vezes na narração das guerras entre a França e a Austria em 1809.

Quando o Tyrol se sublevo, não para conservar ou conquistar a sua independência, mas unicamente para se subtrahir á Baviera, e defender e consolidar a sua subjeição á dominação austriaca, Kufstein foi uma das primeiras posições de que se apoderou o illustre André Hofer. Mas Napoleão queria desligar o Tyrol da Austria, o que conseguiu, ainda que com tenaz resistencia da parte dos tyrolezes, passando-o para o dominio da Baviera até que pela paz de Paris, em 1814, foi restituído á Austria. Josephsburg é hoje uma prisão.

São magnificas as paisagens que cercam Kufstein. Entre as montanhas, que se erguem a leste, nota-se o Kaisergebirge e o Lintere-Kaiser ou Schefauerspitze, de dois mil cento e setenta e cinco metros d'altura. Os habitantes são catholicos e fallam o alemão. O seu traje tem conservado caracter pittoresco, principalmente nas mulheres, que usam saiotas de côres vivas, carapuça do feitio d'uma forma d'assucar, e meias vermelhas.

Grutas e montanhas.

Quem nunca saiu do centro d'esta massa de edificios e construcções, mais ou menos regulares, que compõem uma cidade; quem nunca admirou o horizonte senão pelos intervallos d'esses predios; nem da natureza tem outra idéa além da que lhe dá a leitura, e inspira a vegetação infezada dos jardins; não imagina o que é uma gruta e uma montanha; os dois magnificos symbolos da natureza, nos quaes está, por assim dizer, formulada toda a idéa da sua duplice acção creadora e productiva.

Para poder fallar d'estes enlevos da natureza; do bello arrojo de uma montanha; e da indefinivel e provocante morbidez da vegetação no humido seio de uma gruta, não é preciso mais do que ter passeado algum tempo pelo Brazil.

Na Europa encontram-se mais traços da pompa dos homens: no Brazil, porém, admira-se a cada passo uma obra indelevel da magnificência de Deus! Quantos thesouros de indisiveis bellezas e rarissimos perfumes derramaria ainda pela Europa a voz de um Garrett brasileiro?!

Quantas exquisitas preciosidades saíam da ex-
ploração profunda d'aquellas sombras deliciosas, d'aquella humidade morna, d'aquella vegetação luxuriante, que parecem dizer-nos mysteriosamente — reproduz!?

Desde o cume ardente da mais elevada montanha até ao seio humido da mais profunda gruta ha, no Brazil, poemas vivos, sublimes, que fallam ao coração e á imaginação, e que só a voz do poeta inspirado saberia traduzir!

Quem, ao subir uma d'essas montanhas que se atrevem a deavassar o seio mysterioso das nuvens, não vê n'ella o emblema da força? Quem não pensa no fogo subterraneo e profundo que a fez surgir das entranhas da terra, e que dentro d'ella espalha ainda o principio activo e gerador da sua acção fecundante, sobejamente explicado pelo vigoroso arvoredo que a reveste desde a base até ao cume?

Quem, ao entrar-se n'uma gruta, n'aquelle lugar em que a vegetação graciosa está constantemente reanimada pela humidade, a luz suavemente modificada pela ramagem, e a atmospheria temperada pelo meigo calor que vem das fendas da terra, não pensa no segredo da força passiva e productiva; no symbolo maravilhosamente mysterioso da vida no seio materno?

Quem não sente nascer-lhe o pensamento de que a montanha, com todo o seu arrojo e esforço, re-

presenta o homem; e a gruta, com toda a sua mysteriosa sombra, a mulher?

No espirito dos theogonistas aquellas duas idéas agrupavam-se tanto, que se tornavam mutuos complementos de um todo indivisivel, em que residia toda a idéa da natureza, conforme a sua concepção verdadeiramente original.

Na pratica da religião indica era nas montanhas que se elevavam os altares consagrados ás principaes divindades, consideradas como principio activo e gerador.

A escriptura também nos falla dos bosques sagrados, e das montanhas. Foi sobre o *Synai* que Moysés recebeu as taboas da lei. Abrahão, para immolar Isaac, procurou o cume do *Moria*.

Todas as ceremonias tendentes ao culto de Deus tinham logar nos bosques das mais elevadas montanhas.

Nas grutas, eram collocadas as aras das deusas; das divindades a que se attribuia a força passiva e productiva.

Ezequiel diz que as antigas leis religiosas impunham ás mulheres o dever de nellas entrarem, pelo menos, uma vez na sua vida, para sacrificarem ás deusas; dando-se-lhes em troca do seu acto de devoção o titulo de *kadeschas*—mulheres consagradas.

A reforma de Ezechias extinguiu o prestigio das montanhas e das grutas, mandando nellas enterrar os cadaveres: e os povos refluiram então para os santuarios regulares construidos nas cidades.

Não ha nada porém que mais nos falle do poder de Deus, do que a força que sustém essas massas enormes debruçadas sobre profundos abysmos, onde a agua murmura e a vegetação sorri! Não ha coisa alguma que mais nos falle do amor ineffavel do Creador, do que a profundidade d'esses abysmos, a seiva d'essa vegetação, a fecundidade do solo, e o mysterio sublime que parece fecundar o nada!

ALFREDO HOGAN.

A corveta Bartholomeu Dias.

Este navio foi construido em Inglaterra.

A pressa com que foi necessario preparar um barco, proprio para transportar a Portugal sua magestade a rainha, esposa do nosso augusto monarcha, fez com que se lançasse mão d'aquelle, cujo maior defeito consiste em ter-nos custado carissimo!

E' uma corveta de systema mixto, de mil e duzentas toneladas, e a sua excellente machina tem a força de quatrocentos cavallos.

Mede de comprimento absoluto duzentos e oito pés; trinta e dois de pontal e trinta e dois e meio de bocca. Está artilhada com oito peças por banda, de calibre trinta e dois, e um rodizio de sessenta e oito, debaixo do castello; e é guarnecida por trezentas praças.

Tem um grande tombadilho debaixo do qual ha quatro camarotes, uma camara, uma ante-camara, e um camarim, ornados e mobilados com muito gosto e riqueza: offerece excellentes accommodações para o seu estado maior, e uma coberta sufficiente para a guarnição.

Mette nas bancas carvão para dez dias.

A sua velocidade a vapor, em boas circumstancias, é de dez e meia a onze milhas; e, auxiliada pelo panno, com bom vento, chega a deitar treze milhas. Navegando só com o panno é de boa marcha e mostra excellentes qualidades.

Não é possivel exceder o accio que se nota n'este navio, nem a habilidade militar da sua guarnição, conforme muitos estrangeiros tem confessado. ao presenciarem os exercicios.

Pouco depois d'esta corveta ter chegado a Lisboa, transportando sua magestade a rainha, entrou no dique onde soffreu algumas modificações e reparos necessarios, concluidos os quaes foi o commando d'ella confiado a sua alteza real o senhor infante D. Luiz, que levou toda a guarnição do brigue *Pedro Nunes*, que até então commandara.

Na corveta fez sua alteza ha pouco tempo uma viagem de experiencia aos Açores, indo em conserva o lugre de guerra *Sagres*, e parece que o se-

nhor infante regressou muito satisfeito das qualidades do navio.

A respeito d'esta viagem publicamos uma poesia do senhor Alfredo Hogan, escripta segundo alguns apontamentos extrahidos de um extenso e bello folhetim, devido á penna do senhor Domingos de Sousa Rodrigues, primeiro-tenente d'armada da guarnição da corveta.

E' n'este navio, que, segundo consta, sua alteza irá ao Rio de Janeiro.

Resta-nos accrescentar que a maior parte dos defeitos que se lhe podem notar, ficam compensados pela superioridade da sua marcha, e pela rijeza do seu bordo debaixo de tempo.

A antilope albigede.

Este quadrupede pertence á classe dos ruminantes, e é quasi do tamanho da corça. Tem o pello acastanhado, com alguns cabellos pretos de mistura, atirando para negro nas espaldas, em parte do pescoço, e das pernas. O ventre, peito, o lado interior das coxas, as ventas, beiços, e um circulo em torno dos olhos, são brancos. As fêmeas são de côr mais clara, e só os machos teem chavelhos, os quaes, com ligeiras ondulações, vão guarnecidos em todo o seu comprimento de umas protuberancias como aneis, mui chegados uns aos outros.

Este animal é mui commum na India, pelo que também lhe chamam *antilope da India*. Vive em sociedade, andando sempre em pequenas manadas, a que serve de guia um macho.

Elegante, agil, de uma velocidade extraordinaria na carreira, é muito difficil de se deixar apanhar. Os melhores cães debalde se cansarão para o conseguir. E é n'esta grande agilidade, que a antilope põe toda a sua guarda e segurança, pois que a sua excessiva timidez constantemente a afasta de combates. Porém se facilmente se salvados caçadores, nem sempre lhe acontece o mesmo com os tigres, que por meio de ciladas, que lhe armam, conseguem muitas vezes surprehendê-la, e devorá-la. Sustenta-se de hervas e raizes, como os mais ruminantes. Domestica-se sem difficuldade.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O axis ou veado do Ganges.

Pertence igualmente este animal á classe dos ruminantes, e á familia dos veados. As formas do axis são semelhantes ás do gamo. O pello, de um loiro claro, e que assim se conserva em todas as estações do anno, é coberto de pequenas manchas brancas, exceptuando o queixo, e a parte inferior do pescoço e ventre, que são inteiramente brancos. Por todo o comprimento do espinhaço corre-lhe uma listra preta ou parda. Os chavelhos parecem-se com os do veado commum de pouca idade.

Habita em diversos paizes da Asia, mas encontra-se em maior numero no Indostão, e principalmente em Bengala. Em todas as grandes collecções zoologicas da Europa se vêem muitos individuos d'esta especie. Dotados de boa indole, e muita mansidão, domesticam-se facilmente, costumando-se até a vir cômer á mão. Nos parques fazem-se notar pela sua muita ligeireza, e pelo lindo effeito das suas côres, ambas brilhantes, sobretudo quando o sol as fere com toda a sua luz.

Apesar de serem oriundos de paizes quentes, supportam bem os rigores dos climas frios, e ahi vivem com saude e robustez, reproduzindo annualmente a sua especie. Os filhos apresentam desde pequeninos as mesmas manchas dos paes.

O axis, naturalmente tão manso e socego, embravece por tal modo na quadra do cio, que maltrata muito a fêmea, tornando-se ás vezes tão furioso, que chega a matá-la.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A antilope africana, ou gnou.

Sob o nome generico de antilopes designam os naturalistas uma infinidade de especies de animaes

ruminantes, que são como elos da cadeia, que prende as cabras aos veados, e os carneiros aos bois. Alguns autores elevam a oitenta o numero d'essas diferentes especies, a maior parte oriunda d'Africa, muitas originarias da Asia, apenas duas pertencentes á Europa, e duas tambem modernamente descobertas na America.

A antilope gnou, ou africana, habita as regiões proximas ao Cabo da Boa Esperança. E' do tamanho de um burro de mediana grandeza. Parece-se com o boi nos chavelhos e no focinho, com o veado na delicadeza das pernas, e com o cavallo em todo o resto do corpo. Tem o pello curto e alourado, terminando em ponta esbranquiçada. Longos e negros cabellos lhe cobrem a parte inferior da cabeça, sendo porém brancos os que lhe formam a barba no beigo inferior. Os olhos são pretos, com as pestanas brancas. Os chavelhos, tambem negros, são recurvados e muito aguçados. No meio d'elles nasce uma crina, alta, e espessa, que se estende por todo o pescoço até ás espaldas. A parte superior do corpo é negra, e a inferior esbranquiçada. No peito tem uma porção de cabellos pretos, compridos, e bastos. Da mesma cor são os cascos.

O aspecto d'este animal, que todavia não é falto de elegancia, é feroz, para o que muito contribuem os abundantes cabellos negros, longos e eriçados, que lhe guarnecem ou antes encobrem quasi toda a cabeça. Os seus habitos e indole não estão em muita desharmonia com esse aspecto. Se não tem aquella ferocidade, que distingue os animais carnivoros, é contudo intratavel e malfazejo. Sustenta-se de hervas e raizes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O Jogo.

Um homem erudito, mr. R. Merlin, relator da caligraphia, e suas correlações na exposição universal de Paris, conseguiu á força de investigações conscienciosas, e observações muy exactas dar uteis noticias sobre as cartas de jogar.

A sua origem está involta em trevas espessas. Os que tem querido dissipar-as tem-se perdido no caminho do romance.

Um chronista italiano de fins do seculo xiv, Nicolo di Gouvello, citado por um historiador de Viterbo, diz que em 1379 o jogo das cartas fóra levado áquella cidade por viajantes que iam do paiz dos sarracenos. Assim, seguindo esta versão, as cartas seriam arabes.

Mas a lei de Mahomet prohibe a representação de figuras humanas, e assim todo o jogo de azar: como podem pois vir de tal origem?

Outros asseguram que as cartas nos vieram do Indostão, trazidas por certa tribu nomada, expulsa d'ali no seculo xii, e espalhada por toda a Europa, mendigando, roubando, predizendo futuros, com o nome de bohemios, egypcios, gitanos, gilsos, zingaros, ciganos, etc.

Mas pela inspecção das linhas da mão é que na India se lê a buena-dicha. Tambem n'isso parece haver erro. Acresce que está reconhecido, que a adivinhação pelas cartas é invenção com dois seculos de existencia quando muito. As cartas pintadas foram imaginadas cerca de 1775 por Alliette.

Il Tarocchino de Bolonha attribue-se a Francesco Arminelli Castracani Fibbia, que foi generalissimo das armas bolonhezas, e nasceu em 1360 para morrer em 1449, principe de Pisa.

As cartas no seu principio tiveram talvez um tempo de innocencia, como tudo o que é muito infante; mas desde 1397 uma ordenança do preboste de Paris as prohibia, assim como outros jogos nos dias de trabalho ás gentes de officio.

O synodo de Langres defendeu-as em 1404 aos ecclesiasticos.

Poupart, thesoureiro de Carlos vii, pagou a Jacquemin Gringonneur em 1392 tres baralhos de cartas que pintara para divertimento do rei.

Hoje as cartas apparecem na mala do turista, na caixa do negociante, no embornal do soldado, sobre a mesa da taverna rural, por toda a parte emfim.

O philosopho que explique o phenomeno da sua progressão: dever-se-ha á cubica, ou a esta ne-

cessidade de emoções que nos povos velhos substitue o amor do maravilhoso?

E' inculcavel o que custam as cartas por dia á sociedade humana, em horas deploravelmente perdidas, e dinheiro loucamente desbaratado.

O mundo do jogo foi esquecido (ou omitido de proposito) por madame de Toustain na sua nomenclatura. E' uma população á parte, com costumes excepçoes, de que os moralistas não tem descripto completamente a vida pratica, as tendencias, as loucuras! . . .

O doutor Veron, contando o emprego do seu tempo ao jogo n'uma epoca da sua vida, diz: « O ganho do jogo vasa no coração toda a casta de immoralidade: nada embrutece mais o espirito, nada inspira mais vivo aborrecimento por todo o negocio, mais profundo despreso por todo o dever, que essas riquezas d'um momento, que a fortuna empresta para ter o prazer de as tirar depois.

«Só fallo do jogador que ganha: que não teria a dizer do jogador que perde?»

A paixão do jogo tem de commun com todas as grandes paixões da humanidade, que faz solitario o que é dominado por ella. Fora das casas de jogo o jogador de profissão gosta de viver só, muitas vezes com os sonhos de fortuna, e muitas mais com os desesperos. E o amante feliz, logo enganado; é o bebedor com lampejo de alegria, logo embrutecido; é o especulador ou jogador da bolsa á espera da alta que deve realisar todas as suas phantasias, vendo chegar a baixa!

Antes que os jogos de Paris se fochassem tinham tido por directores Perrin, Bernard, Chalabre, Boursault, e emfim Benazet, que morreu ha poucos annos coronel da guarda nacional d'extramuros, e cavalleiro da Legião de Honra, no ministerio de Cazimiro Pérrier. Os jogos attrahiam annualmente á cidade de Paris cinco milhões quinhentos e cincoenta mil francos, cerca de novecentos contos de réis, independentemente do valor d'outras despesas, e falsas despesas.

O primeiro consul queria mandar fechar os jogos, mas Fouché lhe advertiu que perdia o seu melhor meio de policia. Independentemente dos jogos autorisados, havia um numero infinito de casas onde se jogavam os prohibidos e onde se podia ter a certeza de estar cercado de espões e mulheres perdidas.

Na restauração o circulo dos estrangeiros, na rua Grangebatelière, tinha, diz Veron, tres presidentes, o marquez de Tilly-Blaru, o conde Esprit de Castellane, e o marquez de Livry. Cada um recebia cincoenta mil francos de ordenado annual, oito contos de réis.

Davam ali jantares, ceias, e bailes.

Nenhum jogador, que frequentava casas de jogos autorisados, podia temer uma irregularidade, uma surpresa, um erro mesmo. A banca é que estava exposta a pagar duas vezes, ou ser victima d'alguma habil espolição. Ainda são lembrados aquelles dois rapazes, que entraram juntos, e apontaram juntos pondo ao mesmo tempo um rolo de cincoenta doubles-napoleões na vermelha, e o outro um rolo igual na preta. Ganha a vermelha: pagam cincoenta doubles-napoleões á massa vermelha. O ponto levanta o ganho e desaparece como um raio. O banqueiro toma o outro rolo, que estava sobre a preta, abre-o. . . era de moedas de dois francos. . . O que tinha perdido pudera salvar-se a tempo!

Emfim, a caprichosa deusa, já *parceira de Homero*, como diz Méry, que vivera tres mil annos, dando aos seus adoradores triumphos logo seguidos de reveses, lançou em França o ultimo dado em 31 de Dezembro de 1837.

Todas as vezes que amigos nossos vão a Homburgo ou a Baden, trazem-nos de lá historias cheias de tentações, sobre as ultimas occorrencias da estacção dos jogos, em qualquer d'essas cidades de prazer.

A's vezes é um moço, que em vespas de se casar, fóra aventurar metade dos quatro mil francos de presente de nupcias que achava abaixo do merito da sua prometida. Joga, e volta com cem mil francos de ganho! . . .

Outra vez, é um *milord russo*, como lhe chamam no estrangeiro, que depois de ter jogado em Homburgo e em Baden sae para Paris, onde compra um

pequeno palacio perto da barreira da Estrella! . . .

Sempre ha alguns felizes, que se não vêm porque acabam de partir. Dos infelizes, dos arruinados, dos deshonrados, dos mortos não se diz palavra! . . .

Não ha muito que vimos o filho d'um parente nosso, que chegara de fora com a physionomia trans-tornada como se tivesse praticado uma má acção. Viera a Paris com cinco mil francos para ver o grande mundo e suas magnificencias. Por uma certa inquietação que o atormentava; pelo desejo de deixar Paris, tendo vindo apenas, suppozemos que o rapaz estava enamorado. Illusão! O que elle era era jogador! A vermelha e a preta esperavam por elle para o despojar.

Nem por isso nos devemos privar do jogo, distracção agradável que dá, no bom uso que d'ella se faz, repouso ás intelligencias occupadas, e occupação aos que nada tem que fazer.

Aqui está o que em materia de jogo nos devemos permitir.

O bilhar apparece em toda a parte nas casas opulentas: é quasi indispensavel no campo, porque quando chove não se pode caçar, nem estar sempre com as cartas na mão.

O xadrez é do numero dos jogos que as pessoas reflectidas e sizudas adoptam. Os dois Rousseau, e Voltaire, os marceches de Saxe, e de Richelieu, o imperador José II, Franklin, Marmontel, Diderot, Champfort, Bernardin de Saint-Pierre, o marquez de Bièvre, o general Bonaparte, o almirante Dumont-d'Urville, tinham gosso por elle, como os celebres Philidor, os Chapelles, e de la Bourdonnaye tinham habil talento para o jogar.

Vêdes este homem alto, magro, amarelado, com semblante carregado, com as costas arqueadas, não tendo prazer em nada, não comprehendendo que possa haver gosos doces e pacificos, innocentes e faceis; este homem, mais triste pelas vossas alegrias, que pelos seus proprios enfados? É um velho jogador, que perdeu tudo e quer desforrar-se.

Vêdes este outro, baixo e gordo, com a cara rosada, com sorrir astuto, com pernas como barris, com barrigas de tonel, obsequioso para todos, piscando-vos os olhos se fallaes, para vos provar que pensa assim, mas fazendo cautelosamente o mesmo á pessoa que se vos segue, para lhe mostrar que pensa como ella? Especie de bonacheirão, o que mais que isso é, é um jogador que se prepara para ganhar sempre.

Não jogueis nem com um, nem com outro. Não jogueis jogos fortes com ninguem; estavamos quasi dizendo que não jogasseis nada, o que era de certo melhor. Entretanto é preciso que saibaes, que se ao jantar a que fostes convidado succede um sauro intimo, porão uma ou duas mesas de whist n'uma pequena sala, ou quarto distincto do salão, de modo que o jogo não prejudique a boa conversação, e a conversação não perturbe os jogadores; podeis acceitar sem temor, porque o whist da boa sociedade não ultrapassa nunca cem réis a entrada, o que faz que, com muito revez, possaes perder na partida completa quando muito vinte entradas, e retirar-vos depois se quizerdes.

Nos primeiros annos d'este seculo havia em Londres um club de Crockford. Era o club dos jogadores.

Este mr. Crockford podia chamar-se um pescador de homens. . . Era com effeito um antigo pescador, um negociante de peixe, que se tornou o flagello e ao mesmo tempo o favorito da elegancia ingleza. Ganhou com todos os ricos elegantes de Inglaterra milhões ao jogo, e por uma das singularidades excentricas da nação ingleza, consagrou grande parte d'esse dinheiro a construir um palacio para o jogo!

Ostentou um esplendor asiatico: eclipsava quasi o luxo dos reis.

Este palacio no estylo de Mansart, é enriquecido com ornatos, doirados e pinturas do mais brilhante effeito.

O cosinheiro de Crockford era o celebre Udo, assim um como duplicado de Careme.

Nesse palacio, joga-se um *jogo do inferno*. Quinhentos ou seiscentos mil francos passam n'uma noite com facilidade admiravel d'uma a outra mão. Ainda que os jogos de azar sejam prohibidos pela lei ingleza, não tem ella nada com o club Crock-

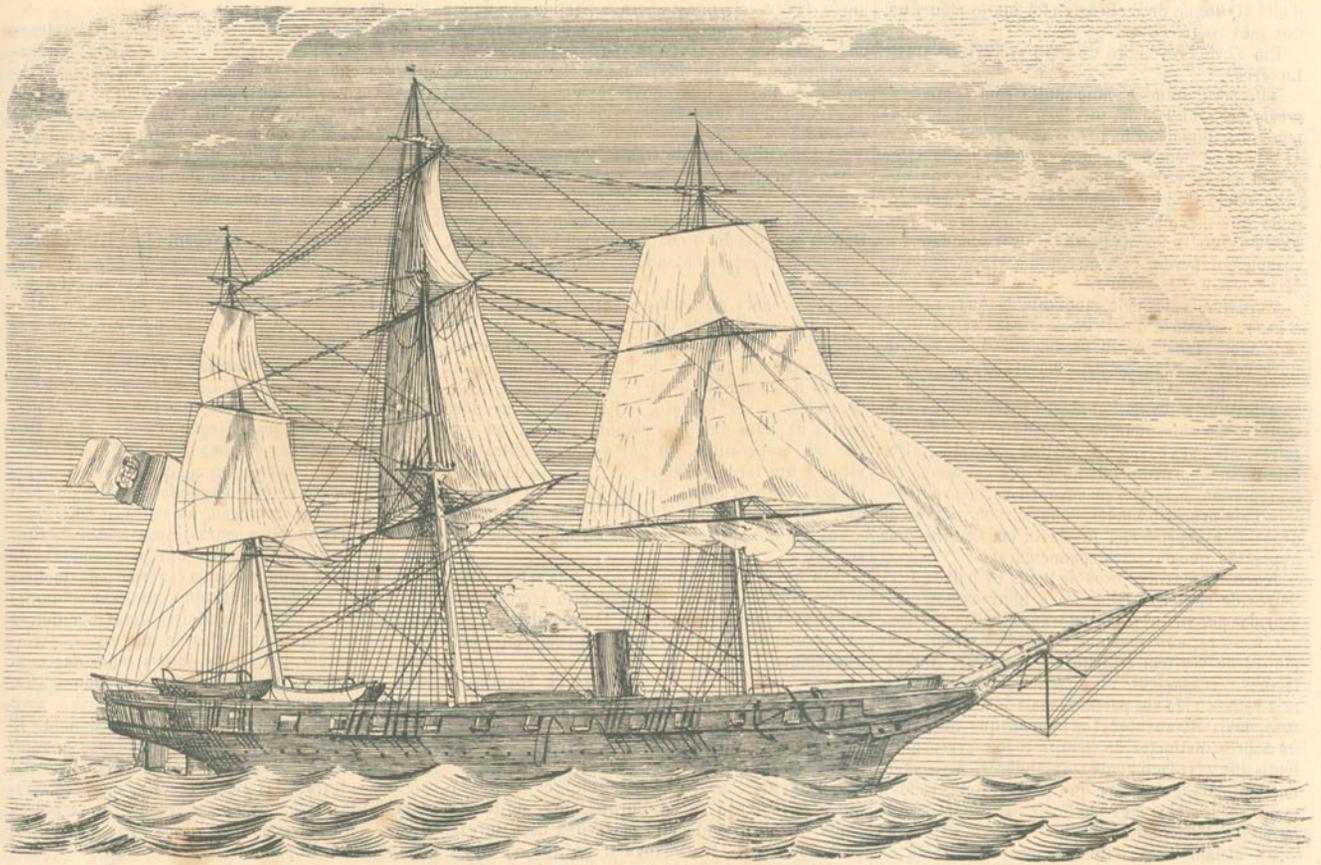


1 Axis.

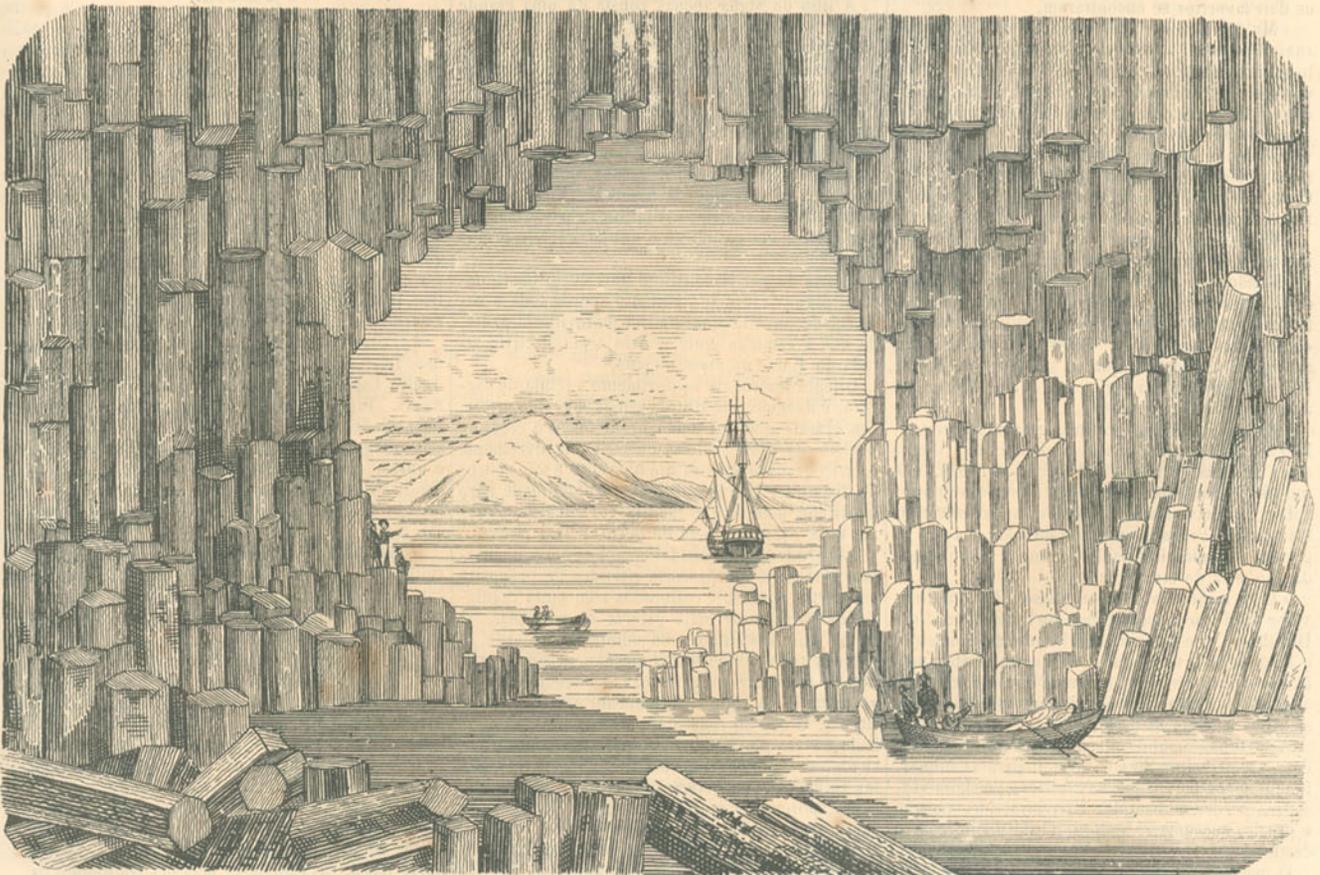
2 Antilope gnou.

5 Zebra

4 Antilope albigede.



Corveta Bartholomeu Dias



Cruza de Fingal na Ilha de Staffa

ford. A maior parte dos ministros são membros d'elle. O duque de Wellington foi muito tempo um dos seus commissarios.

Em 27 de Novembro de 1856 escreviam isto de Londres :

«Preoccuparam-se hoje muito com admiráveis revelações saídas de um processo civil julgado hontem no tribunal do banco da rainha.

«Um rico negociante, que em 1847 tinha vinte e oito annos, entrou n'uma casa de jogo, de que ficou sendo freguez no decurso de uma breve demora que teve em Londres. . . *Nolentem fata trahunt!* O infeliz foi arrastado a jogar aos dados, e acabou por perder cem ou cento e vinte contos de réis!

«Assignou vales pelo montante das suas perdas, e pagou setenta e dois contos d'estes vales.

«Agora recusa-se ao pagamento d'um vale de nove contos assignado pela mesma causa.

«Este processo é um dos raros lampejos, que fazem brilhar a luz nos sombrios mysterios da vida ingleza, tão estranhamente velada para os estrangeiros, até para os que são melhor acolhidos, e que penetram de espanto mesmo os que conhecem estes segredos, mas querem encobri-los, negando-os.

«Este processo enfim, que acabou a favor do negociante imprudente, produziu em Londres uma impressão que devemos commemorar.»

Jovens moços e ociosos de todos os paizes, herdeiros de riquezas laboriosa e honradamente adquiridas por vossos paes, ou transmitidas por vossos maiores, são levianos, esturdos talvez, mas muitos de vós tem espirito e boa indole. Acreditae-nos, occupae-vos, ide á melhor sociedade, e vereis como a vida vos parecerá mais doce, mais honrosa, mais attraente! Um homem que tem todos os nobres instinctos do bem, e todo o gracioso talento que o faz facilmente resplandecer, o visconde de Pontmartin vos dirá que para os depravados o mal é incuravel; mas para vós basta uma *convalescência intellectual e moral*.

No ultimo seculo fallou-se muito do irmão de madame de Montespan, mr. de Vivonne; do irmão de Maintenon, mr. d'Aubigny; e da extrema facilidade com que Luiz XIV concedia tudo a suas amantes. A seguinte anecdota nos conduz ao jogo, onde os dois favoritos se encontraram.

«Mr. de Louvois (diz o abbade de Choisy nas suas *Memorias*) mostrou um dia presença d'espirito de bom cortejo. O rei fizera com elle a lista dos que queria honrar com o bastão de marechal; depois foi a casa de madame de Montespan, que *mezendo nas algibeiras do rei* achou a lista, e não vendo n'ella mr. de Vivonne seu irmão, entrou n'uma colera digna d'ella (acrescenta o abbade). O rei que não podia resistir-lhe disse que só se fóra porque mr. Louvois se esquecera de o pôr.

«Mandae-o procurar já» lhe disse ella com tom imperioso «e reprehendei-o como elle merece.»

«Mandou-se procurar mr. de Louvois; e dizendo-lhe o rei *com muita doçura* que sem duvida se tinha esquecido de Vivonne. . . o ministro *tomou a carga* e confessou a falta. Poz-se Vivonne na lista; apasiguou-se a dama, que se satisfiz com exprobrar a Louvois a sua negligencia n'um negocio que a interessava tão de perto.

«Madame de Maintenon não era tão apressada. Isto me faz lembrar (continua o historiador) d'uma saída maligna de mr. d'Aubigny, seu irmão, que um dia jogando com outros gentis-homens, punha sobre as cartas montes d'ouro sem os contar. O marechal de Vivonne entrando no logar em que jogavam, e vendo girar tanto dinheiro, viu que saía da algibeira de mr. d'Aubigny.

«Com razão duvidava eu (disse elle) que houvesse aqui quem jogasse jogo tão forte senão elle.» D'Aubigny que o ouviu, não hesitou um momento, e respondeu bruscamente: «E' que eu recebi o meu *bastão a dinheiro*.» O epigramma circulo muito, e augmentou ainda mais a nimissia que no intimo se tinha a todas as favoritas.»

A fortuna, segundo dizem, gosta das virgindades, e a principio lhes dá premio para as animar. Lembrae-vos porém que se ganhaes a primeira vez, é para perder a segunda, a terceira, etc. porque é preciso succumbir sempre n'este duello com o destino! . . .

O marquez de Genlis jogava um dia mui forte

no jogo da rainha. A fortuna estava-lhe por tal modo favoravel, que tomara o partido de deitar todos os luizes que ganhava no chapeo, que se enchia a trasbordar. O visinho da direita, gentil-homem bretão, que elle não conhecia, lhe disse olhando para o chapeo que estava ao pé:

«Tenho uma idéa. Quereis emprestar-me cinco luizes?»

«Eil-os» disse mr. de Genlis.

O bretão perdeu-os logo, e tornou a pedir igual somma.

«Com muito gosto» lhe respondeu o marquez. Depois arrastando o chapeo para o lado opposto, lhe disse, comprimentando-o, com modo mui affavel:

«Creio agora que *estamos quites!*»

Triste moral! que nos leva a dizer: Dae com medida, mas não empresteis nunca. Lembrae-vos sempre d'estas palavras de uma pessoa cujo nome e sexo não ousamos dizer: «A ingratião é a independencia do coração.» Para onze das doze partes da humanidade o reconhecimento, ou seja por um emprestimo, ou por qualquer outro serviço, é um fardo pesado! . . . O que o dá, o que obriga, é quasi digno de odio. . . e foi por isso que Racine entendeu dever dizer a um amigo: «Vós me obsequiaes; entretanto heide amar-vos sempre.»

Não queremos prolongar mais este artigo sobre o jogo. Parece-nos que tudo está dito ácerca d'esta deploravel paixão. Outros a tem combatido pela razão, nós não miramos mais que a corrigil-a pelo sentimento.

JOSÉ DE TORRES.

A gruta de Fingal.

Esta gruta é uma das mais celebres curiosidades naturaes não só da Europa, mas de todo o globo. É uma verdadeira maravilha da natureza.

Acha-se esta gruta singular na ilha de Staffa, uma das muitas, que formam o grupo ou archipelago das Hebridias, chamadas pelos geographos inglezes ilhas Occidentaes, e que se estendem ao longo da costa da Escocia, para o lado do poente.

A ilha de Staffa apenas consta de uma grande massa de rochedos basalticos, e de lava. Rochas altissimas e escarpadas a cercam por todos os lados, deixando unicamente um pequeno espaço, com sua praia tambem resumida, accessivel aos viajantes e curiosos, pois que a ilha é inhabitada. Aquelles rochedos, que a guarnecem como muralhas de uma fortaleza, são formados por columnas tão regulares, e por tal modo dispostas, que mais parecem obra da arte que da natureza. Vista do mar a uma certa distancia, assimilha-se perfeitamente esta ilha a um grandioso e antigo edificio arruinado.

Isto já de per si constitue uma curiosidade natural digna de ver-se; porém o que dá toda a celebridade áquella ilha é a sua maravilhosa gruta, de que a estampa junta mostra a perspectiva, tirada do fundo da mesma gruta.

Oitenta metros de comprimento, trinta de largura, e dezoenove de altura, são as suas dimensões. Um grande arco mui bem lançado forma o elegante portico da gruta, e deixa entrar n'ella livremente o mar, que ahi penetra até quarenta e seis metros de distancia, com a sufficiente profundidade para nadar um hote, o que facilita aos curiosos o prazer de a examinar bem de perto, e sem risco.

As paredes são revestidas completamente de prismas verticaes, que parecem partidos de proposito em partes eguaes, e collocados com tanta regularidade como uma bella galeria de columnas. O tecto, que sustentam com admiravel accordo, é tambem todo composto dos mesmos prismas, que, indo a diminuir em grandeza á maneira que se aproximam do centro, formam ahi uma especie de cupula, e dão ao todo a apparencia de uma abobada de templo gothico. O fundo da gruta é fechado exactamente como o côro de uma igreja. Estas columnas, ou prismas basalticos, são de cor negra, porém em muitas partes, sem duvida pelo effeito da luz e das aguas, reflectem côres verdes e alaranjadas, a que vem misturar-se um amarello desvanecido de uma especie de argamassa, que pa-

rece ligar aquelles prismas, e tapar-lhes todas as junturas.

Estando o mar embravecido é impossivel entrar-se na gruta. Apossa-se inteiramente d'ella, e o fragor das ondas, que vão quebrar-se furiosas contra as rochas, augmentado pelos eccos da caverna, faz um concerto infernal de sons diversos e todos medonhos. Mas se o mar está tranquillo, a entrada é muito facil a qualquer pequeno barco, e a transparencia das aguas, augmentando o effeito da luz, dá realce áquellas lindas côres, e espalha resplendores por toda a gruta.

Dizem que o celebre navegante José Banks, companheiro de outro não menos celebre nauta, o capitão Cook, fóra o descobridor d'esta gruta em Agosto de 1772. Pelo menos foi elle o primeiro naturalista que a visitou, e o primeiro escriptor que fez a sua descripção.

Nas outras ilhas Hebridias habitadas, e na costa fronteira da Escocia, dão a esta gruta o nome de *An-ua-fine*. Estas palavras, que dizem ser de origem celtica, significam, segundo uns, a *gruta harmonica*, e conforme outros a *gruta de Fingal*. Qualquer d'estas interpretações ajusta-se perfeitamente ás idéas supersticiosas d'aquellas gentes, que pela maior parte se empregam na pesca. Como associam a todas as coisas maravilhosas a idéa de Fingal, pae de Ossian, quando ouvem o concerto de sons variados produzidos na caverna pelo quebrar das vagas, e pelo embate do vento nas columnas basalticas, dispostas em fileiras umas por detraz das outras como os canudos de um orgão, exclamam, e crêem que são as *harpas eolias das sombras de Fingal*. O nome de Staffa, dado á ilha, significa *columnas*.

A ilha é propriedade da familia Macdonald. É absolutamente esteril, tendo sido baldadas quantas diligencias se teem empregado para introduzir n'ella alguma cultura. Mas como aquelles mares produzem muito peixe, costumam arrendal-a os pescadores, para ahi fazerem os seus estabelecimentos temporarios de pesca.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A zebra.

Este bello animal pertence á classe dos *pachidermes*, e á familia dos *solipedes*. É mui elegante a sua figura pelas boas proporções de todos os seus membros, assimilhando bastante ao cavallo. Tem de ordinario quatro pés d'altura, das mãos ás espaldadas, e sete pés de comprimento, desde o focinho até á origem da cauda. A cabeça e as orelhas são proporcionalmente mais compridas do que a do cavallo, e o pescoco mui curto e mais grosso. Tem as pernas delicadas, e a voz parecida com o som d'uma corneta de caça. A pelle é mui formosa. Macia e lustrosa como o setim, é toda ornada de listras transversaes pretas e brancas nas femeas, e amarellas e pardas nos machos.

As zebras habitam as regiões montanhosas do meiodia d'Africa, e as vastas planicies do Cabo da Boa Esperança, onde pastam em numerosas manadas. Tambem se encontram, porém em menos quantidade, no Congo, na Guiné, e na Abyssinia. Sustentam-se, com preferencia, de hervas secas e duras. Teem bastante força e coragem, defendendo-se ás vezes energicamente contra os mais ferozes animaes por meio de incessantes e vigorosos coices.

Desconfiadas, de indole feroz, e dotadas de grande agilidade, são mui difficeis de se deixarem agarrar, e ainda mais difficeis de se domesticarem, fazendo diligencia por morder, ás vezes até as proprias pessoas que a tratam.

Em Lisboa já se empregaram inuteis esforços para domar e ensinar a puxar por um lindo carrinho a quatro formosas zebras, que mandaram de Africa á rainha D. Maria I. Os riquissimos apparelhos, que n'esta occasião se fizeram para estes animaes, teem figurado nas exposições da *sala do risco*, no arsenal da marinha.

No tempo do imperio romano vieram muitas zebras a Roma, e consta que algumas ahi viveram longos annos. Os romanos chamavam-lhes *hippogrigre*, isto é, cavallo-tigre, pela sua simillhança na

forma com o primeiro d'estes animaes, e nas côres da pelle com o segundo.

Na collecção zoologica do jardim das plantas de Paris havia uma zebra femea, que teve dois filhos, de um burro, e de um cavallo. Este ultimo morreu logo á nascença; porém o que procedia do burro, foi ávante, e vivia ainda ha poucos annos. A côr geral era parda, e as listras pretas transversaes eram bem assignaladas em umas partes do corpo, e n'outras, principalmente na cabeça, menos vivas, ou mal distinctas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Memorias do coração.

RÓMANÇO-HISTORIA.

Continuação.

VI.

Aquella noite de commoção seguiram-se tres dias de febre. Eduardo sentia o sangue abrasar-lhe as arterias; e de quando em quando, como involvido por um veio de nuvens, deixava de ver os objectos que o cercavam. Tivera em muito risco a vida, ameaçada pela apoplexia que tantas vezes resulta de uma commoção excessiva; e aquelles tres dias de febre eram ainda o resultado nervoso d'essa noite de soffrimento, d'amor e de gloria.

Dois ou tres dias mais n'este estado, ter-lhe-hiam originado, sem duvida, uma doença de perigo.

Eduardo tinha o coração oppresso: as lagrimas ou o esquecimento podiam desabafar-o; mas as palpebras inflamadas e ardentes não tinham prantos, nem se fechavam ao peso do somno.

Ao enthusiasmo succedera a indifferença. Eduardo não pensava: olhava sem distinguir, e não ouvia senão o susurro sinistro do sangue fervente nas arterias da cabeça, annunciando-lhe a morte ou a loucura.

O desejo de morrer quando se julga ser desprezado por quem se ama é—pelo menos nos homens—um contrasenso que a maior parte dos poetas estabeleceram como auxilio na descripção do soffrimento. É uma *tinta falsa* com que teem desenhado o quadro das nossas paixões aos olhos indifferentes do leitor. Pelo contrario, quando julgamos que nos desprezam, é que mais desejamos viver, porque esperamos tudo do tempo e do sentimento de que estamos convictos. Em pouco teriamos esse bello sentimento se não esperassemos d'elle a commoção da mulher.

Eduardo recieo morrer. Este recieo deu-lhe vida. Levantou-se, agitou-se, fumou um charuto e chamou o criado para que o vestisse. Era preciso sair, tomar o ar livre, conversar, procurar distracção.

O criado entregou-lhe uma carta do correio.

A letra do sobrescripto, que á primeira vista não parecia disfarçada, não lhe era totalmente desconhecida. De quem será? Eduardo pensou um momento, e atirou a missiva para cima da mesa. Assentou que era do seu alfayate, a quem devia um saldo atrasado, que tendo sabido do resultado da peça era o primeiro a dar-lhe os parabens.

Saiu.

Quando ia subir para uma sege, no largo d'Abegoria, sentiu tocarem-lhe no hombro. Era um amigo seu que o abraçou, fallando-lhe do bello effeito da sua composição, sobre a qual mostrou disposições de fazer um pequeno juizo critico, começando por lhe dizer que, na sua fraca opinião, o *estilo parecia correcto ao ouvido; mas apreciado á luz da critica, nem sempre era puro e elegante, com quanto se sustentasse animado*. E estava a ponto de continuar «*Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus*» se Eduardo, que não tinha apparecido ali para ser *apreciado á luz da critica*, lhe não dissesse de repente que voava a casa de D. Luisa.

A este nome, Carlos Figueiredo, collocando-se entre elle e a sege, e descendo do solio da censura aos braços do amigo, fallou-lhe de Maria, vibrando-lhe por esse modo todo o coração.

Eduardo, um momento indeciso, respondeu-lhe que tudo estava acabado; que Maria nunca lhe tivera amor senão por capricho; que não podia já

acreditar no futuro, tanto elle havia soffrido no passado a decepção terrivel de todas as suas mais bellas illusões. As filhas-familias, continuava elle, e as herdeiras principalmente, que teem n'este paiz a desgraçada mania de pensar que são creanças até muito tarde, são uns entes inclassificaveis que não pertencem a si, nem a Deus, nem ao mundo. Não pertencem a si, porque não teem força de vontade, nem de consciencia! Não pertencem a Deus, porque d'elle se desligam sacrificando, a vontades alheias, o primeiro e mais bello sentimento que nos infundiu no coração, e do qual nasceram todos os que o mundo admira! Não pertencem ao mundo, porque o mundo rejeita escravos!

Salvo honrosas excepções, são porventura dignas da nossa confiança? Acho que não. Sigamos pois o espirito do seculo. Casar, não urge: amar é desnecessario. Amemol-as apenas para as lamentar: para termos paciencia de dançar com ellas uma polka, uma valsa; e guardemos o affecto para as que nos esperam, muitas vezes, arriscando o credito, o repouso, a felicidade de toda a sua vida, por nos concederem alguns momentos de ternura.

Carlos de Figueiredo era casado; deu um pulo, e franziu os sobr'olhos, exclamando: *par exemple!* — Quer vir tomar uma *carapinhada*? Perguntou-lhe Eduardo.

— Deus nos livre!... no estado de exaltação em que tem o cerebro, far-lhe-hia, de certo, muito mal! Ora venha cá: é pois d'um homem que escreveu aquelle *bello dialogo* o modo de pensar que desinvolve agora?

— Deixe-me: vou a casa de Luisa.

— Não deixo; não hade ir. Que vae lá fazer? Murmurar doces expressões a quem os outros homens atiram dinheiro? Entre em si, Eduardo; reconheça que se precipita, que pensa mal, e respeite o affecto que Maria lhe inspirou. Ajuizando pelo que me tem contado a respeito das contradicções que ha nas suas cartas posso affiançar-lhe que se ella não faz o que fez a *heroína* da sua peça, é porque o meu amigo também não tratou ainda de seguir o exemplo do seu *heroe*. A situação faz a força do homem, como o homem faz o espirito da mulher.

— Acho-lhe razão; respondeu Eduardo. E n'esse caso, é muito para apreciar o amor d'uma malher, que espera pela posição do homem. Entendiamonos! Se n'este momento me casse das nuvens uma fortuna; e, acto continuo, me chegasse uma carta de Maria dizendo-me que a fosse buscar...

— Não ia? perguntou Carlos Figueiredo.

— Ia... visitar Luisa. Respondeu friamente Eduardo.

— Acho que tanto uma como outra deviam ficar muito agradecidas. A primeira, por lhe patear a tempo o seu coração; a segunda, pelo thesouro que lhe levava.

— O meu coração, senhor Carlos Figueiredo, ter-se-hia gelado no instante em que eu me persuadisse que Maria tomava como barometro do seu amor a posição que a sorte me tivesse dado! Infelizmente assim havia de ser. Já me disse uma vez que *d'amor ninguém vivia*.

— E disse-lhe muito bem! atalhou Carlos Figueiredo. O senhor está bem longe de comprehender o espirito do seculo, e por isso julga que o seculo perverteu o sentimento! Antigamente por pouco se não realisava a questão de *uma cabana no deserto e algumas raizes*... havia mais recato; apparecia-se menos; as necessidades sociaes eram em menor escala: encontravam-se mais recursos, e quizesse o homem trabalhar, que o seu trabalho achava immediata recompensa. Tinha-se por isso mais confiança, e mais fé na palavra! Hoje, os costumes differem: a sociedade tornou-se exigente; o trabalho não supprime; a desconfiança augmenta, a duvida cresce... E hade uma pobre mulher expor a um futuro desgraçado o homem que a ama, soffrendo por si e por elle? Caia em si! O seculo não é mau, nem o amor uma illusão. O defeito é nosso que pretendemos de ordinario *edificar* de cima para baixo. A gloria vem depois da conquista, a conquista depois do trabalho, o trabalho depois do plano, e o plano depois da idéa.

Tenha pois uma idéa, arrisque um plano, trabalhe, conquiste, e hade ver abrir-se diante de si um horizonte infinito de felicidade e de gloria! Esse

amor, guarde-o. Faça d'elle a causa dos seus esforços, que os seus esforços hão de ser sublimes! Lucte por elle contra a adversidade, esqueça o tempo, e pense em Deus; que o tempo não hade quebrantal-o; nem Deus esquecel-o! Por ultimo, quer um conselho da ruim cabeça do seu amigo, que ha doze annos, que de tanto data a honra de o conhecer, ainda não teve a desgraça de o aconselhar mal? Tenha fé, trabalhe e espere.

Eduardo achava-se contrariado pela maneira com que o digno amigo encarava a questão do sentimento, sujeitando-a a todas as reflexões possíveis do materialismo. Contando-lhe então a historia de Violante, e como parecia que esta mulher tinha influido no coração da amiga, intentou convencer-o que a sua ultima carta pozera para sempre fim á louca afeição que lhe votara: que estava disposto a abandonar-se, a suicidar-se no olvido e no repouso; ou a procurar na licença o fim dos seus dias malfadados.

Tudo quanto a moral e a boa logica sabem suggerir a uma cabeça intelligente contra as idéas que Eduardo apresentava, Carlos Figueiredo expoz, de um modo incisivo, para combater tão louca disposição. Imitando o exemplo do medico, no prompto recurso do braço e da sciencia, Carlos Figueiredo buscou por meio da palavra e do pensamento destruir o mal, que parecia apoderar-se do coração do amigo. De todos os grandes e nobres sentimentos que n'aquelle coração matara a desconfiança, tinha apenas escapado a religião.

Eduardo professava, como todas as pessoas dotadas de grande alma, um respeito intelligente pelo dogma principal da religião. Madrinha do seu baptismo, a Virgem Santissima era o refugio das suas afflicções, o allivio das suas magoas, a sua crença, a sua viva fé.

Carlos Figueiredo recorreu, pois, á religião para o desviar do caminho fatal em que premeditava lançar-se. Eduardo prometeu-lhe ter fé e esperar.

Este sentimento profundo não era o resultado estulto do fanatismo; pelo contrario: era o esforço ingente d'uma intelligencia que, no meio da impiedade do seculo, procurava symbolisar de modo perfeito todos os nobres sentimentos d'amor de caridade e de resignação, que sentia, como prova evidente do espirito superior que nos torna, n'esta vida, a imagem de Deus: d'este espirito sublime, por meio do qual Deus quiz collocar no homem a sua mesma providencia, e que o homem vulgar desconhece, ousando queixar-se, quantas vezes, da improvidencia do Creator!

Eduardo rir-se-hia talvez de algum bom epigramma lançado sobre qualquer santo ou santa; mas venerava a cruz da sua redempção, e curvava compungido a frente, ao pensar no mysterio e na magoa da Virgem Mãe!

Por ultimo, a respeito da religião, Eduardo, sem que desse muita importancia á forma, respeitava com intelligencia a idéa.

Na phrase de Carlos Figueiredo, Eduardo prometeu-lhe *ter juizo*. Depois despediu-se do seu amigo e voltou para casa.

Continua.

ALFREDO HOGAN.

Viagem do serenissimo senhor infante D. Luiz á ilha da Madeira na corveta Bartholomeu Dias.

I.

De branca espuma a onda recamando, Negro barco veloz, que a onda adora, Lusa bandeira ao vento desfaldando, Singrando vae do Tejo barra em fora. Solta do espaço á livre e rija aragem, No bordo activo, a flor, cresce vigorosa, Das esp'ranças da lusa marinhagem. Que do tempo á lembrança gloriosa, — Memoria do passado inda robusta — Luiz mostra ao porvir a face augusta!

Prestes acudindo ao nobre empenho
Risonha brisa vem, mais docemente
Nas aguas impellir o rijo lenho:
Mas ai! que em vão não tarda que lamente,
Um perfume não ter de lusas taboas! (1)
A bandeira pendida, deixa absorta,
E, fugindo, abandona o barco ás aguas.
A helice girando o mar recorta:
Inutil panno sobe, a gente ferra;
E um grito vem da gavea que diz — terra!

Das ondas surgo em breve Porto Santo:
E a meiga flor descobre açoriana,
Logo após, de nebrina um claro manto.
Do perfido oceano a furia insana
Não excita o levante: o ceo propicio
Claro e limpo se ostenta ao romper d'alva,
Sem d'elle á sabia gente dar indicio:
E a corveta gentil que o porto salva,
Á flor da vaga larga e magestosa,
Entre o *Ilheo* e *Grajão* surgiu airosa (2).

Já no ocaso ao sol quasi encobria
De nuvens lindo grupo, acastelladas,
Azues orladas d'ouro; e o mar par'cia,
Co'o purpureo reflexo, ondas doiradas
Á corveta off'recer: mas n'um momento,
No fundo azul do ceo que desmaiava,
De nuvens viu-se o ethereo monumento
D'ouro a fita perder que o contornava:
E o dia á noite, emfim, cedendo o imperio,
O igneo astro levar n'outro hemispherio.

Novo enlevo, porém, Donati accende,
D'emulos mil de prata recamado,
No espaço que veloz correndo fende:
E ao manto azul da noite despregado
Arroja a mão de Deus, e o mar reflecte,
Purissima safira reluzente:
Festivos sons o ecco ao mar repete,
Que tange pela praia a alegre gente;
Meigo aroma de flores vem na aragem;
Brilhante amphitheatro é toda a margem.

II

Da terra a vaga sombra contornando
Vae da aurora o reflexo abrilhantado,
E a cór do ceo sombria adelgaçando.
Do horizonte o mar vê-se cortado
Por fino cinto d'ouro; e de repente,
De purp'ra as nuvens todas revestindo,
Derrama o dia a luz resplandecente
De Phebo, que das aguas vem surgindo.
Sóa então da corveta a artilharia,
Da terra agradecendo a cortezia.

Do mar açoriano a irmã mais terna,
A um neto dos Affonsos curva a fronte,
— Da famosa Albion cubiga eterna! —
E sorri... que já vê pelo horizonte,
De mais propicios dias nova aurora
A noite dissipar do esquecimento,
E a esp'rança fecundar, que tudo enflora.
Da cathedral luzido saimento
Vem Luiz receber pomposamente,
A elle e ao rei salvando, e a Deus clemente.

Á maneira do sol que ao triste alvergue,
Consolador expede um raio luzente
Lá d'altura em que a mão de Deus o ergue;
Aos miseros invalidos consente
Caridosa visita que os consola,
De Pedro Quinto o irmão formoso e digno;
É com amor de pae, a larga esmola
Na dextra off'rece aos tristes, tão benigno,
Que o amor glorifica de Fernando,
A Maria um suffragio ali prestando!

(1) Este barco foi construido em Inglaterra.

(2) A corveta fundeou entre a fortaleza do *Ilheo* e a ponta do *Grajão*.

III

Na dulcissima sombra dos palmares,
A joven Therpsicore vae ligeira,
C'o as mais formosas filhas insulares,
A noite preparar mais lisonjeira:
Do *Ferreiro* o *palheiro* é transformado (*),
Das artes pela mão, que o genio guia,
Em faustoso palacio illuminado,
Que a noite escura torna em claro dia:
E em vão procura a vista, deslumbrada,
Saber porque a vivenda é *assim* chamada!

Segue-se a bordo um brinde agradecendo
Da terra o regosijo bem fundado.
E á noite vem, de luz resplandecendo,
Com vistoso coreto organizado,
— Largada do *Calhau* — linda barqueta,
Que do voraz Neptuno Eulo protege,
O ar encher, em roda da corveta,
De meigos sons que o sabio Apollo rege.
E *assim* passava a noite, em quanto o dia
Novas horas prepara d'alegria.

IV

Já pela serra o dia se escondera,
Que de marcar ás damas coube a gloria;
E outro chega emfim que mais mer'cera
D'outra penna uma linha ter na historia:
Visita o sabio principe esse hospicio,
Que em memoria d'um anjo, a dór materna,
Dos phisicos fundara em beneficio,
— Viva oração d'amor, sincera, eterna! —
E aprende ali, no justo amor dos povos,
P'ra as afflicções dos reis balsamos novos.

Não esquece tambem c'o a vista amiga,
Ao genio d'instrucção dar novo alento;
E p'ra que o nobre empenho ali prosiga,
Esp'rando já no regio assentimento,
Benigno inflamma o facho luminoso,
— As madeirenses letras protegendo —
Que um futuro abrirá mais glorioso,
Da ignorancia as trevas combatendo.
E sabe *assim* mostrar quanto mer'cera
A affeição que inspirou grande e sincera!

V

Já das aguas recorta a vaga altiva,
E a terra um terno adeus inda repete,
Porqu'a esp'rança que lá deixara viva
Lisonjeiro porvir emfim promette.
A voz dos pobres canta hymno famoso,
Que já na historia o nome lhe engrandece;
D'innocentes um córo harmonioso
Por elle a Deus s'eleva que enternece:
E *assim*, Luiz, os passos assignala
Co'o doce amor que os peitos avassala.

ALFREDO HOGAN.

A caça aos elephantes entre os negros.

Os povos que habitam os paizes de Africa vi-
sinhos do Cabo, são quasi todos caçadores.

Os animaes que elles perseguem, ou esperam
em emboscadas de antemão preparadas, para ven-
derem seus despojos aos negociantes europeus, são
os elephantes, os rhinocerontes, ou hippopotam-
os etc.

Ao norte das possessões inglezas do Cabo da
Boa Esperança, para o centro da Africa, habitam
povos que caçam o elephante de um modo parti-
cular.

(*) *Palheiro do Ferreiro*; *assim* se chama á quinta do conde de Carvalhal.

Os caçadores notam os caminhos trilhados por
estes animaes para se dirigirem de noite ao rio
onde vão beber; trepam a grandes arvores, ar-
mados de compridas lanças, com pontas á maneira
de farpas. Quando o elephante passa cravam as
lanças no corpo do animal, e deixam-na. O ele-
phante, ferido, deita a fugir, porém o ferro vae
seguro á ferida, e o cabo, batendo de encontro aos
troncos das arvores, e no chão, faz tão viva a
dór, que o animal cae porfim atormentado.

Empregam ás vezes outro meio. Collocam na
passagem dos elephantes cordas entrelaçadas com
lanças envenenadas postas perpendicularmente nas
arvores. Fica esta machina de tal forma disposta,
que ao mais ligeiro movimento das cordas a lança
cae a prumo sobre o elephante. A ferida não é
grande, mas a acção do veneno é tão viva, que o
animal morre dentro em pouco.

Continua a relação dos professores a quem é re-
mettida a *Illustração*, em conformidade do que dis-
semos no numero antecedente.

DISTRICTO DE LISBOA.
Concelho do Cadaval.

Ill. mos Srs.

Cercal — Caetano Januario de Figueiredo.

*Dito de Cascaes.*Cascaes — José Aniceto Borôa Condestavel Ju-
nior.*Dito de Cezimbra.*Cezimbra (San-Thiago) — Joaquim Pedro Car-
doso.*Dito de Cintra.*

Queluz — José Cypriano da Silveira Machado.

Dito da Lourinhã.

Lourinhã — Damião Joaquim Franco.

Dito de Mafra.

Chileiros — Manuel Pedro Machado.

*Dito d'Oeiras.*Barcarena — Simão Maria Manzone de Castro
Castilho.*Dito do Seixal.*Aldêa de Paio Pires — Manuel dos Santos Fer-
reira.*Dito de Setubal.*

Palmella — José Maria Cardeira.

Dito de S. Thiago do Cacem.

S. Thiago do Cacem — Antonio Pedro Baptista.

Dito de Torres Vedras.

Trucifal — João Rodrigues das Dóres.

Dito de Villa Franca de Xira.

Castanheira — Manuel Isidoro da Rocha.

DISTRICTO DE LEIRIA

Concelho d'Alcoçaba.

Aljubarrota — Antonio Philippe de Sousa Carva-
lho.*Dito d'Alvaizere.*

Candal — Padre Antonio Marques da Paixão.

Dito d'Ancião.

Alvorge — Antonio José Pimenta.

Dito da Batalha.

Batalha — Antonio da Soledade Freire da Silva.

Dito das Caldas da Rainha.

Ternada — Antonio Rodrigues da Silva.

Dito de Figueirã dos Vinhos.

Maçãs de D. Maria — Calisto Curado.

Dito de Leiria.

Vieira — Padre Manuel Rodrigues Ascenso.

DISTRICTO DE SANTAREM

Concelho d'Abrantes.

Rio de Moinhos — Antonio José Lucio de Cas-
tro.*Dito d'Almeirim.*

Alpiarça — José Vicente Emiliano de Brito,

Dito da Barquinha.

Barquinha — Constancio José Martins.

Dito do Cartaxo.

Vallada — José Antonio de Figueiredo.

*Dito da Chamusca.*Pinheiro Grande — Antonio Vicente Ribeiro da
Silva.*Dito de Coruche.*

Constancia — Joaquim Antonio Ferreira.

Continua.